

Como nos velhos tempos...

Rodrigo Hilário
Da equipe do **Correio**

Uma forma de descobrir a idade das coisas é seguindo o rigor cronológico. Funciona com pessoas, animais, objetos e até cidades. Brasília, por exemplo: até hoje, são exatos 41 anos e quatro meses de vida, desde a inauguração, em 21 de abril de 1960. Mas tem um tempo que é impreciso, difícil de mensurar. É a idade das gerações, que reflete o comportamento e o jeito de pensar e agir das pessoas em determinada época. Isso pode ser descoberto em cada lugar que serviu de ponto de encontro para gerações inteiras de brasilienses nas últimas quatro décadas. Você será capaz de adivinhar a idade de uma pessoa se descobrir os locais que ela frequentou quando era jovem.

ANOS 60 AGITO NO BEIRUTE E CINE BRASÍLIA

Os primeiros passos de Brasília nos campos do lazer e da diversão foram trôpegos como os de criança que aprende a andar. No começo, tudo estava por construir na cidade e havia poucas opções. A vida sócio-cultural buscava se firmar e prosseguia em banho-maria. Havia poucos bares e danceterias — Pizzaria Dom Bosco, Le Drugstore, Kako, Shalako, Pileque, Yole e a boate do Brasília Palace Hotel eram os principais. Sem falar no Beirute, inaugurado em 1966, na SQS 109.

Aos domingos, a badalação era no cine Brasília, na 106/107 Sul. O cine Cultura, na 507 Sul, também reunia bastante gente. Na mesma quadra, tinha o Mocambo, famoso boteco da época. “Lá, eu lanchava misto quente antes ou depois de assistir aos filmes. Quem resistia até a madrugada comia macarrão à bolonhesa para rebater a ressaca”, conta o jornalista Hélio Doyle, 50 anos, em Brasília desde 1961.

As grandes festas da classe média brasiliense aconteciam no late Clube. Havia também alguns eventos no Clube do Congresso, no final do Lago Norte, na Casa de Goiás, no Lago Sul, e no Country Clube, na Saída Sul.

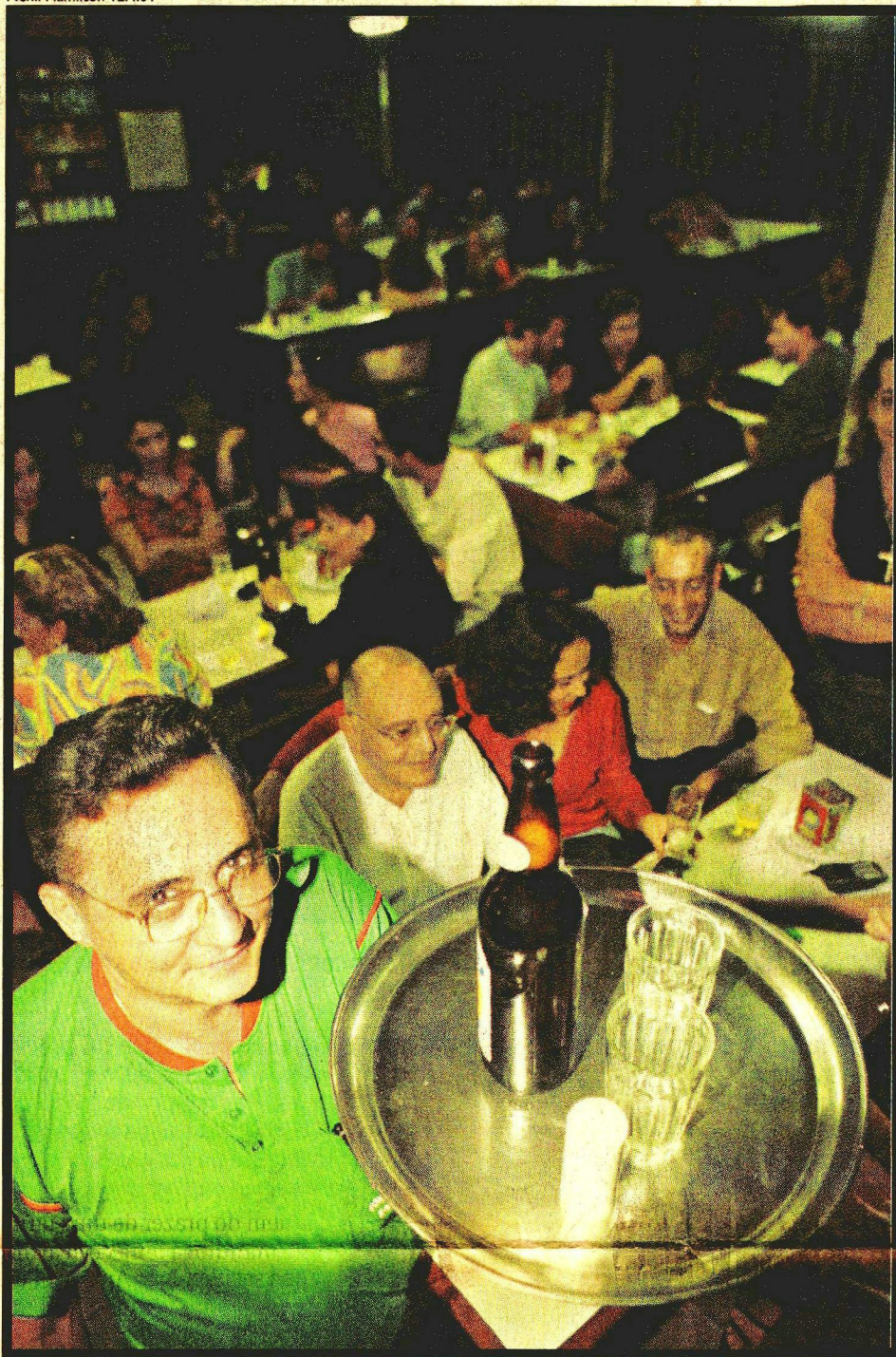
Para os mais velhos, que mudaram para a capital com suas famílias, a situação era pior. Quando veio morar aqui, em 1962, vindo do Rio de Janeiro, o bancário Luiz Carlos Pedrosa encontrou uma cidade banhada pela poeira ocre do cerrado. Por causa do desconforto, as pessoas evitavam ficar em Brasília nos momentos de folga — tanto pela falta do que fazer como pela hostilidade do clima. A época com 35 anos, seu Luiz Carlos, a mulher Neusa, então com 33 anos, e os quatro filhos não tinham outra saída: organizavam passeios e piqueniques para aproveitar a natureza do Entorno. “Era o que tinha para fazer com a criança”, recorda ele, hoje aposentado, aos 74 anos.

Dois anos após os militares chegarem ao poder, seu Luiz voltou com a família para o Rio. Só regressaram a Brasília em 1972, quando ele foi novamente transferido para a capital federal. Aí, encontraram uma cidade diferente, com os prédios já construídos. E uma vida social mais agitada, com mais divertimento para a população.

ANOS 70 GILBERTO SALOMÃO ERA A COQUELUCHE

Foi assim que Brasília chegou à psicodélica década de 70. Quem hoje conta entre 40 e 50 anos certamente frequentou bares como o Casebre, o Roma, o Zebrinha. Mas nenhum ganhou

Nehil Hamilton 12.4.01



SEMPRE ATUAL

Aberto na década de 60, o Beirute, na 109 Sul, atrai todas as gerações: artistas e intelectuais

Album de família



ANOS 60

Empresário da noite, Roberto Levy (4º, à D) brinda com amigos na antiga boate Kako, uma das casas noturnas que agitaram Brasília nos anos 60. Hoje, Levy (D) comanda a diversão no Café Cancun, ponto da juventude no Liberty Mall

mais fama que o Beirute. Em meados da década, o velho Beira, já com dez anos de estrada, era o lugar onde se encontravam artistas, intelectuais e pessoas insatisfeitas com o regime militar — instaurado em 1964. “A gente cansava de ser revistado por policiais à procura de drogas. Vez por outra, dava para ver pessoas apagando cigarros de maconha e correndo pela 109 ou 110 para fugir da revista”, lembra o relações públicas Ielson Torres, 47.

Lá pelas bandas do Lago Sul, explodiu outra coqueluche da juventude da época: o Gilberto Salomão — inaugurado no fim dos anos 60. Com suas lojas, bares e boates, o centro comercial coalhava de gente à procura de paquera e badalação (como ainda hoje). Os *points* favoritos eram as danceterias 707 e Bote, e as cervejarias Times e Square. Por lá, circulavam políticos hoje famosos, na época jovens de vinte e poucos anos, como Fernando Collor de Mello, Luiz Estevão, Paulo Octavio, Pimenta da Veiga e Sérgio Naya.

Já a nata da alta sociedade brasiliense costumava ir ao restaurante Gaff. Ninho de políti-

cos, o lugar recebia com frequência nomes como Arnaldo Prieto, Delfim Neto e Mário Henrique Simonsen. “Desde o começo da década o Gilberto se firmou como centro de diversão de Brasília. Vivia aquela época maravilhosa e hoje tenho o privilégio de proporcionar lazer para os filhos das pessoas que frequentavam minhas casas há 25, 30 anos”, comenta o empresário Roberto Levy, um dos maiores empreendedores dos anos 70.

Aqueles tempos foram também os dos cinemas, que logo fizeram o Conic e do Conjunto Nacional um complexo de salas de exibição. Os principais eram os cines Atlântida, Bristol, Cultura, Márcia, Miguel Nabut e Badya Helou.

ANOS 80 PISCINA DE ONDAS ENTROU NA MODA

Brasília entrou nos anos 80 vendo o Parque da Cidade, inaugurado em outubro de 1978, virar o foco do burburinho. Na época chamado de Rogério Python Farias, o parque tinha como suas maiores atrações a Piscina de Ondas e a Nicolândia (o centro de

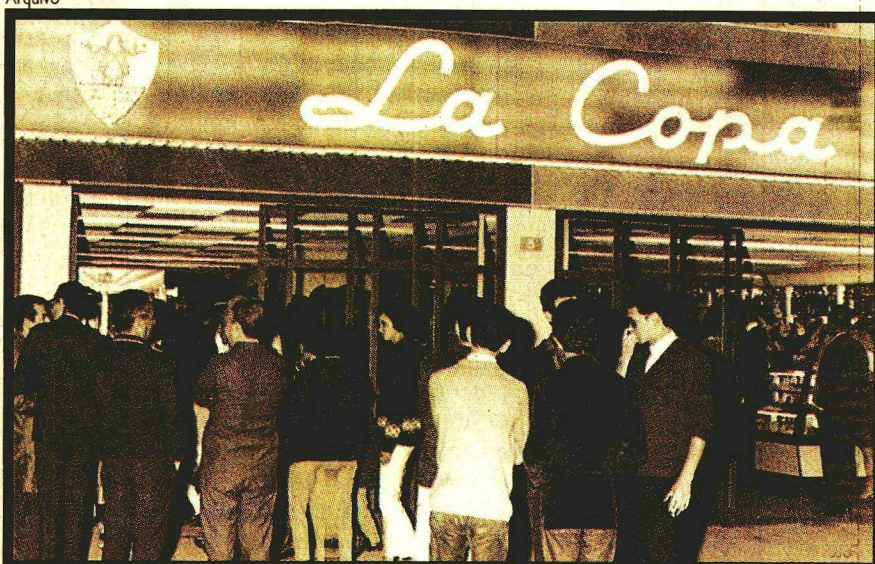
diversões que funciona até hoje).

Os bares e lanchonetes do momento eram a Disbrave, na 503 Sul; o Show Pizza, no Conjunto Nacional (primeiro rodízio de redondas da cidade); o Chaplin, na 110 Sul; a doceria Praliné, na 205 Sul; a Confeitaria Francesa, na 203 Sul; e a lanchonete Truc's, na 106 Sul. Lá, o crepe *macaquito*, feito com banana, queijo, açúcar e canela, fez sucesso entre a moçada. “Também era tradição ir à Praliné nas tardes de sábado e domingo para comer doces e encontrar os amigos”, recorda o funcionário público Alexandre Peixoto de Melo, 36.

Galeria dos Estados e Venâncio 2000 eram os *habitats* dos boêmios. Já a juventude badalava no Lago Sul, no já veterano Gilberto Salomão e no Gilbertinho, espécie de filhote do centro comercial mais antigo. As boates Hippo's, People e Scaramouche faziam a cabeça da rapaziada. Tinha também o cine Spacial. Em formato circular, o cinema tinha cinco telas que possibilitavam ao espectador assistir ao filme de qualquer ponto da sala.

Depois, o cine fechou as portas e virou a festejada boate Zoom. “A turma se reunia para

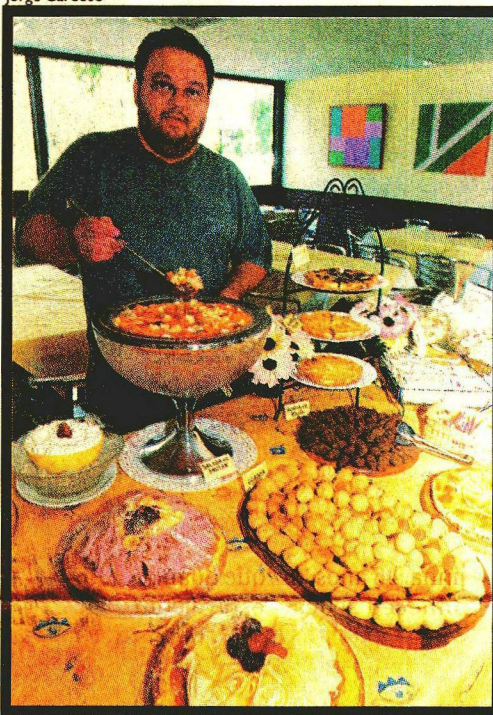
Arquivo



ANOS 70

O Gilberto Salomão, no Lago Sul, marcou as gerações dos anos 70: coqueluche da juventude em busca de paquera e badalação

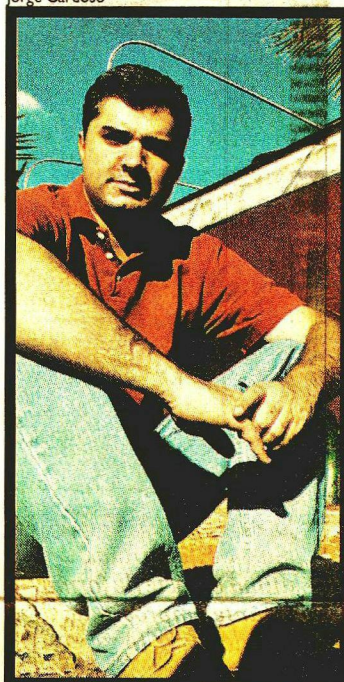
Jorge Cardoso



ANOS 80

Alexandre frequentava a Praliné, na 205 Sul

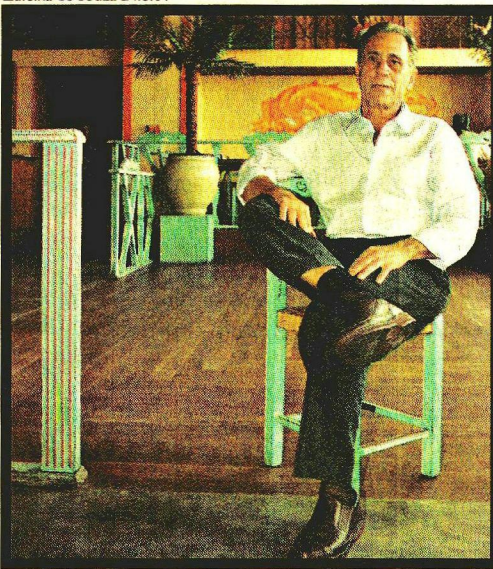
Jorge Cardoso



ANOS 90

Marcos: Sossiga Madalena

Zuleika de Souza 24.8.01



pit-stops antes de cair na noite. As principais eram as do Parque da Cidade, do Free Park e de Sobradinho.

Foram tempos também de bares e boates caírem de vez no gosto dos mais jovens. E a ganância acontecia no Café Martinica, Chiquita Bacana, Gate's Pub e Schlob. Outros nomes da lista: Ilha, em Taguatinga; Tequila Rock, no Gilberto Salomão; e ainda Basic, Don Taco Café, Kakadu Jumping Bar, Music Hall, Scape, Sossiga Madalena e a primeira versão do Sushi Blue, todos na Asa Sul. “O Sossiga era um dos lugares mais agitados. A galera ‘pilhava’ legal lá. Rolava a maior azaração”, lembra o engenheiro civil Marcos Pires, 24.

Nas boates, destaque para a Castelo (Sobradinho), Capital (Taguatinga) e Café Cancun. Esta última, no Liberty Mall, provocava histeria na garotada. “Era comum ver as meninas maquiadas, às 18h, esperando na fila a hora de entrar, o que só acontecia lá pelas 21h. Lá dentro, a galera ficava só na azaração”, conta o universitário Felipe Mendes, 23. A turma também se reunia na sorveteria Palato, na 109 Norte.

SÉCULO 21 CHEGA AO FIM O MITO DA CIDADE VAZIA

Novos tempos, outros *points*. Agora, o auge é o Pier 21. É ele que faz a cabeça da moçada. Lá, os notívagos encontram várias opções de diversão, como a Swinger's, Sushi Blue (segunda versão) e Don Taco Fiesta. Na cidade, ainda fazem sucesso casas noturnas surgidas no fim dos anos 90. Entre elas, Café Cancun, Don Taco Café e Fashion Club.

Diz o mito que Brasília é uma cidade sem opções de lazer, fria, meio parecida com uma roça, só que com prédios. “Mentira! Coisa de quem não viveu o melhor do seu tempo ou que não tem disposição para descobrir lugares legais para se divertir”, diz Felipe.